**Dando consistência aos argumentos apresentados na aula 03:**

 A partir de uma análise mais detalhada de algumas das grandes revoluções pelas quais a humanidade passou, é possível notar claramente que tais momentos históricos tiveram especial influência de artefatos criados para potencializar uma determinada tarefa ou processo. Esta leitura auxilia no necessário clareamento acerca de uma possível neutralidade das tecnologias, uma vez que a intenção motivadora de sua concepção por si só já a direciona para a realização artificial de determinada tarefa, aniquilando qualquer traço de neutralidade. Santos, aponta que todo aparato tecnológico possui duas características básicas que repelem a ideia de neutralidade: a artificialidade e a racionalidade.

A artificialidade do objeto técnico é a garantia de sua eficácia para a tarefa para que foi concebido. [...] A partir desta artificialidade que a característica de racionalidade se constrói. A técnica alimenta a estandardização, apoia a produção de protótipos e normas, atribuindo aos métodos apenas a sua dimensão lógica, cada intervenção técnica sendo uma redução (de fatos, de instrumentos, de forças e de meios), servida por um discurso. A racionalidade resultante se impõe às expensas da espontaneidade e da criatividade, porque ao serviço de um lucro a ser obtido universalmente (SANTOS, 2002).

As reflexões apresentadas por Santos também apontam para o fato de que as tecnologias influenciam diretamente as grandes transformações pelas quais a humanidade passou. Foi assim na era agrícola, ou Revolução Neolítica, onde ferramentas de transformar e cultivar a terra foram determinantes para a passagem de uma cultura nômade para uma cultura sedentária, bem como na Revolução Industrial, onde o maquinário substituiu o trabalho braçal humano, acelerando o desenvolvimento mundial. Nos dias de hoje não é diferente, a tecnologia determina a forma como podemos ser e estar no mundo, transformando profundamente nossa noção de tempo e espaço, fortes referenciais de percepção e projeção do/no mundo.

Existem várias formas de nos referirmos à sociedade contemporânea, entretanto, a denominação e as conceituações de cibercultura trazidas por Lemos (2003) e Lévy (1999) parecem adequadas para o escopo do que se deseja neste texto. Analisadas em conjunto, podem representar uma complementação da primeira pela segunda.

Para Lemos, cibercultura é a “[...] forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias”. (2003). Marcada pelas Tecnologias Digitais de Rede, a cibercultura permeia o cotidiano das pessoas, que convivem e se fundem com as tecnologias disponíveis, fazendo destes aparatos extensões de seus próprios corpos. Dessa forma, independentemente do acesso, consolida-se um processo de imersão individual e coletiva numa configuração social repleta de tecnologias, que modifica continuamente a dinâmica cotidiana dos indivíduos ao mesmo tempo em que também são modificadas nessa interação, porém em intensidades e formas diversas.

Para melhor caracterizar este momento sócio-histórico, Lemos propõe três leis: Na primeira, denominada lei da reconfiguração, o autor aponta para a necessidade de reconfigurar práticas, modalidades mediáticas, espaços, sem a substituição de seus respectivos antecedentes. A lei subsequente, caracterizada como liberação dos polos de emissão, sugere que as diversas manifestações socioculturais contemporâneas representam vozes e discursos anteriormente reprimidos pela edição da informação pelos complexos comunicacionais de massa. Por fim, a terceira lei, da conexão generalizada, destaca a evolução do computador pessoal desconectado (CP), para o computador conectado à rede (CC) e, finalmente, para o computador conectado móvel (CCm) (2003).

Ao analisar tais propostas de compreensão do mundo, é possível explorar a relação existente entre as leis da conexão generalizada que impulsiona e suporta o processo crescente de liberação dos polos de emissão. Fundada em características reticulares, a cibercultura libera os polos de emissão, possibilitando que cada indivíduo seja um potencial e permanente emissor e receptor de informações, independentemente do local onde se encontre.

Em razão da (re)significação dos conceitos de tempo e espaço, a cibercultura rompe com a lógica de distribuição broadcast das mídias de massa (presentes também na Educação), potencializando as trocas “todos para todos”, na medida em que se constrói a partir de um dos conceitos-chave da sociedade contemporânea, o conceito de rede.

Tal interação se dá em uma estrutura tecnológica de conexão de computadores, tablets, smartphones e um sem número de equipamentos que, em última análise, conectam pessoas no ciberespaço. Nas palavras de Lévy, este é um “[...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores” (1999). Compreender a lógica do ciberespaço nos possibilitará refletir sobre seu papel estrutural na cibercultura e seu potencial para a educação. Para tanto, o conceito de redes pode ser especialmente útil uma vez que aponta para a ligação entre a dinâmica reticular e a estrutura social contemporânea.

Redes são estruturas abertas capazes de expandir-se de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro desta rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação. [...] As conexões que ligam as redes representam os instrumentos privilegiados do poder. [...] Uma vez que as redes são múltiplas, os códigos interoperacionais e as conexões entre as redes tornam-se as fontes fundamentais da formação, orientação e desorientação das sociedades. [...] A convergência da evolução social e das tecnologias da informação criou uma nova base material para o desempenho de atividades em toda a estrutura social. Essa base material construída em redes define os processos sociais predominantes, consequentemente dando forma à própria estrutura social (CASTELLS, 1999).

A compreensão desta essência reticular do ciberespaço possibilita retomar a reflexão sobre a cibercultura com o auxílio de Lévy, o qual aponta que ela “[...] dá forma a um novo tipo de universal: o universal sem totalidade” (1999). Ou seja, quanto mais heterogêneo a composição do ciberespaço, menos sujeito ao controle, à imposição e à homogenização de indivíduos, grupos, saberes ou ideias. O ciberespaço também potencializou o surgimento das tecnologias da inteligência que “[...] reorganizam, de uma forma ou de outra, a visão de mundo de seus usuários e modificam seus reflexos mentais. [...] Na medida em que a informatização avança, certas funções são eliminadas, novas habilidades aparecem, a ecologia cognitiva se transforma [...]” (LÉVY, 1993).

A partir desta articulação de conceitos coexistentes e basilares da sociedade contemporânea, buscou-se apresentar alguns elementos que possam colaborar na reflexão sobre o potencial da cibercultura para a educação, em especial para os processos de aprendizagem, cada vez mais descentralizados e dessincronizados.

**A partir de então, construa uma abordagem para explicar a concepção de educação a fim de apresentar um possível ponto de orientação e interpretação das questões aqui levantadas:**

**A educação é o processo pelo qual os indivíduos constroem conhecimento a partir de processos de aprendizagem. Neste sentido, o conceito de aprendizagem, formal ou não, passa a ser o elemento central e fundamental da educação?**

Referências

CASTELLS, M. A sociedade em rede. Editora Paz e Terra, 1999.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

 LÉVY, P. Cibercultura. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

POZO, J. I.; MORTIMER, E. F. (Rev.). Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: ARTMED, 2002. 296 pág.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, Editora de Universidade de São Paulo, 2002.